

A INCIDÊNCIA DA TEOLOGIA SOBRE A ECLESIOLOGIA: UM MODELO DE APROXIMAÇÃO UMA LEITURA A PARTIR DA LITERATURA NEO-TESTAMENTÁRIA

*Alessandro Rodrigues Rocha*¹

RESUMO

O artigo discute a incidência da teologia sobre a eclesiologia na extensão da literatura neo-testamentária, sobretudo a literatura paulina e pastoral. Busca-se abordar as perspectivas teológicas e as formas eclesiais de tal literatura numa tentativa de aproximação ao testemunho e à vivência comunitária da fé no cristianismo nascente. A proposta fundamental é evidenciar a passagem de uma teologia e eclesiologia desenvolvida em perspectiva plural para uma teologia e eclesiologia em perspectiva unívoca.

PALAVRAS-CHAVE

Teologia, Eclesiologia, Pluralidade, Univocidade.

ABSTRACT

This essay discusses the incidence of Theology in Ecclesiology in New Testament literature, in particular way in Pauline and Pastoral literature. It deals with the theological perspectives and ecclesial structures of this literature aiming to grasp both the witness and the living faith of

¹ Pós-doutorando em Letras pela PUC-Rio, doutor em teologia sistemática pela PUC-Rio, pesquisador da Cátedra Unesco de leitura da PUC-Rio.

early Christian communities. The fundamental proposal is to indicate the transfer from a Theology and Ecclesiology that developed in a plural perspective to Theology and Ecclesiology presented in a univocal perspective.

KEY-WORDS

Theology, Ecclesiology, Plurality, Unequivocalness.

Introdução

As relações entre teologia e eclesiologia são notórias em toda a extensão da história do cristianismo. Mensurar a incidência que cada uma das áreas promove sobre a outra é um exercício que se deve fazer constantemente. Nesse artigo queremos propor um recorte na relação teologia eclesiologia, bem como a preponderância de um dos dois pólos sobre a formação dos contornos do outro. O recorte é o período dos dois primeiros séculos do cristianismo² (no primeiro o escopo Bíblico e no segundo a literatura dos Pais Apostólicos); sobre a preponderância será privilegiada a incidência da teologia sobre a eclesiologia.

A tese de fundo é que a perspectiva teológica de determinado momento funda uma forma eclesiológica que possibilita por sua vez a objetivação daquela teologia. Com isso não estamos negando a relação dialética que certamente há entre teologia e eclesiologia, inclusive com o protagonismo por vezes da eclesiologia. O que fazemos é uma escolha metodológica, no sentido encontrarmos um modelo de aproximação capaz de oferecer os elementos suficientes para a leitura da realidade para qual nos dirigimos.

Outra questão que julgo importante mencionar diz respeito ao caminho percorrido. Nesta primeira parte do artigo percorremos um caminho que parte da teologia e da eclesiologia paulinas (como espaço

² Esse artigo está dividido em duas partes. Nesta primeira abordaremos o primeiro século (mais especificamente a dimensão bíblica da temática), na segunda parte (que constará do próximo número da revista) será abordado o segundo século, mais especificamente a literatura dos pais apostólicos.

da pluralidade), e da teologia e eclesiologia das cartas pastorais (como início de fechamento e univocidade). Na segunda parte do texto (que consistirá no artigo publicado no próximo número da revista) buscaremos percorrer o processo que levou a teologia de sua condição plural/metafórica à condição unívoca/metafísica. Para, por fim, percorrermos o caminho que levou a eclesiologia de sua condição de diversidade à condição de hierarquia.

1. Perspectivas teológicas e formas eclesiais: uma tentativa de aproximação ao testemunho da fé no Novo Testamento

A vivência do seguimento de Jesus no Novo Testamento é um tema amplamente pesquisado. No entanto, é sempre importante voltar a ele, não na esperança de buscar um modelo perfeito para a vivência da fé no horizonte contemporâneo, mas sim para perceber nos traços da revelação (*norma normans*)³ uma inspiração sempre iluminadora para a igreja e sua teologia.

Quando falamos do Novo Testamento, no sentido de perceber sua teologia e eclesiologia, somos seduzidos por um apelo em compreendê-lo em chave sincrônica, onde tudo aparece como um todo harmônico. Porém, para uma compreensão mais madura desse conjunto de livros e das respectivas comunidades que lhe dão suporte, é necessário um olhar diacrônico, onde os desníveis são não somente percebidos, mas, sobretudo valorizados como lugares teológicos.

É bastante apropriado dizer, então, que o Novo Testamento não narra a teologia e a eclesiologia no singular, mas, antes, na pluralidade que revela a diversidade de homens e mulheres que se colocaram no seguimento de Jesus a partir de suas múltiplas realidades sócio-econômico-culturais. Esse exercício de diacronia permite, portanto, romper a superfície do texto bíblico e aprofundar o conhecimento dos

³ KÜNG, Hans. **Teologia a caminho: fundamentação para o diálogo ecumênico**, p. 192.

espaços concretos onde esse texto se fez. Conhecer a revelação não consiste em sondar os arcanos do Deus que se mostra, mas, antes, perceber a história dos sujeitos que, em abertura, compreendem e vivem sua mensagem.

Partindo do pressuposto que a diversidade eclesiológico-teológica é constitutiva do Novo Testamento, queremos entender, como já na teologia nascente, essa diversidade vai sendo negada em nome de uma hierarquia/uniformidade capaz de garantir a “sobrevivência” do que se chamou Sã Doutrina. Paradoxalmente, é necessário perceber que esse passo de univocização já está presente no Novo Testamento. Não obstante o paradoxo sugerido, essa realidade aponta para a diversidade constitutiva acima sugerida.

Pretendemos trilhar aqui o seguinte caminho: em primeiro lugar evidenciar que o modelo teológico/eclesiológico plural é majoritário no horizonte neotestamentário. Para isso tomaremos o exemplo paulino. Em segundo lugar evidenciar o modelo unívoco em seu nascedouro bíblico, e para tal, tomaremos as cartas pós-paulinas⁴. Outra importante questão que precisa ser esclarecida sobre nossa abordagem, é que propomos que as formas eclesiais são espaços de objetivação de perspectivas teológicas dominantes. Estamos conscientes de que essa não é a única maneira de abordar essa temática, porém, é a que escolhemos no sentido de argumentar nossa tese.

2. Teologia e eclesiologia em perspectiva plural

Indubitavelmente, os escritos paulinos compõem o núcleo teológico-eclesiológico do Novo Testamento⁵. Sua teologia teve enorme incidência sobre a construção do discurso teológico cristão. Nesse sentido, é legítimo evocar a perspectiva paulina acerca da teologia e da eclesio-

⁴ Cartas pós-paulinas são consequentemente as duas cartas a Timóteo e a carta a Tito.

⁵ Lucien Cerfaux, em suas duas monumentais obras sobre a importância da teologia paulina para o cristianismo, ilustra bem quão fortes são as “digitais” paulinas nas concepções teológicas do cristianismo. Ver *O Cristo na teologia de Paulo* e *O cristianismo na teologia de Paulo*, ambos traduzidos e publicados pela Editora Teológica.

logia, para fundamentar aqui a tese da pluralidade neotestamentária, tanto no que diz respeito a construção de um conjunto de elementos teológicos, quanto aos seus espaços de objetivação.

Um texto áureo para ilustrar nossa discussão é Gl 3,28, onde Paulo explicita o testemunho da fé que marcava a igreja primitiva: “Não há mais nem judeu nem grego; já não há mais nem escravo nem homem livre, já não há mais o homem e a mulher; pois todos vós sois em só em Jesus Cristo”. Esse texto, que certamente norteava a vivência eclesial em perspectiva plural, está fundamentado sobre um princípio teológico que é a vocação batismal, a pertença igualitária ao Cristo Senhor: “Pois todos vós sois, pela fé, filhos de Deus, em Jesus Cristo. Sim, vós todos que fostes batizados em Cristo vos revestistes de Cristo”⁶. No Cristo Senhor acontece a cristificação, e, portanto, a dignificação, de toda a realidade humana. Como diz Ana Maria Tepedino:

Na experiência da Igreja primitiva a fórmula batismal de Gl 3,28 e o Batismo apontam para o estatuto igualitário do “ethos cristão”. Proclama-se que, embora existam as diferenças (de classe social, etnia e gênero), se estabelece uma igualdade fundamental para os que entram na comunidade. A todas as pessoas era reconhecida a mesma dignidade, a mesma vocação, a mesma missão, a qual era vivida como serviço (diaconia)⁷.

Na mesma direção, Edward Schillebeeckx afirma que “Todos os que recebiam o batismo cristão formavam o único povo profético e pneumático de Deus; eles eram membros iguais, sem predomínio ou dominação nas relações recíprocas⁸”.

Ele continua:

Todos os membros da comunidade tinham de fato autoridade na comunidade com base na sua própria inspiração por parte do Espírito

⁶ Gl 3,26-27.

⁷ TEPEDINO, Ana Maria. “Autonomia e comunhão: a participação dos/as leigos/as na Igreja”. In: **Atualidade Teológica** 17, p. 130.

⁸ SCHILLEBEECKX, Edward. **Por uma Igreja mais humana**, p. 51.

– mesmo naquele tempo a autoridade diretora das igrejas cristãs era institucionalizada com base no batismo do Espírito e nos fenômenos pneumáticos que o acompanhavam e se orientava para a formação da comunidade. Paulo veio a conhecer esta idéia originariamente igualitária da Igreja como uma comunidade de irmãos e irmãs através das tradições pré-paulinas. A idéia da Igreja calorosamente compartilhada por Paulo acha-se cristalizada em Gl 3,26-28; uma espécie de estatuto ou carta magna da liberdade cristã, que, segundo os estudos dos exegetas atuais, não é invenção de Paulo, porém um hino batismal mais antigo proveniente das comunidades helênic-judaicas pré-paulinas⁹.

Do princípio teológico batismal, cristificação de toda criatura, surge um princípio eclesiológico, relação igualitária entre todos os cristãos. Da vocação batismal emerge a dignidade de todos os cristãos, homens e mulheres no seguimento do Cristo Senhor¹⁰. Nessa eclesiologia, lugar de vivência de determinada teologia, não estão excluídas “(...) a direção e a autoridade; entretanto, em tal caso a autoridade deve estar repleta do Espírito Santo, do qual nenhum cristão, homem ou mulher, fica excluído por princípio, com base no batismo do Espírito¹¹.

Segundo a teologia paulina a ação do Espírito (princípio teológico), gera liberdade (princípio teológico de incidência eclesiológica): “Pois o Senhor é o Espírito, e onde está o Espírito do Senhor, aí está a liberdade”¹². Os que são batizados no Espírito têm que viver a liberdade em sua dimensão subjetiva, mas, também devem vivê-la em toda a sua espessura objetiva. O Espírito suscita uma nova humanidade, mas, também, uma nova ordenação social e eclesiológica.

⁹ SCHILLEBEECKX, Edward. **Por uma Igreja mais humana**, p. 54.

¹⁰ Como afirma Schillibeeckx: “O cristianismo primitivo era uma fraternidade de membros iguais: teologicamente, com base no batismo do Espírito, e, sociologicamente, em harmonia com o modelo romano helenista das sociedades livres, chamadas de *collegia*, que também se reunião nas casas...” (**Por uma Igreja mais humana**, p. 66).

¹¹ SCHILLEBEECKX, Edward. **Por uma Igreja mais humana**, p. 56.

¹² 2 Cor 3,17.

Além de mostrar como determinada perspectiva teológica inaugura um espaço (eclesiológico, mas não somente) onde se pode evidenciar sua espessura, peso e implicações¹³, é ainda preciso mostrar que essa perspectiva teológica determinada que estamos falando (paulina), não se sustenta em procedimentos excludentes, mas, antes, convive (às vezes de forma tensa) com a pluralidade. Desta forma poderemos, então, dizer que uma teologia plural em seus princípios constitutivos gera, além de uma eclesiologia igualitária, uma própria prática eclesiológica plural. Em suma, a objetivação de uma teologia plural se dá numa eclesiologia igualmente plural.

No sentido de evidenciar essa pluralidade teológica e sua incidência sobre a eclesiologia, trabalharemos dois temas que envolvem a teologia paulina: o primeiro é aquele que se mostra em seu mais alto grau de tensão na “assembléia ou concílio” de Jerusalém; o segundo, a diversidade de listas de dons presentes nas cartas de Paulo às igrejas por ele assistidas¹⁴.

Acerca da assembléia ou concílio de Jerusalém, não pretendemos fazer abordagem exegética, ou um estudo sistemático aprofundado, mas, antes, perceber a questão da pluralidade teológica de fundo, e, como eram resolvidos os conflitos decorrentes dela. Do ponto

¹³ Novamente é preciso afirmar que não desconhecemos. Nem tão pouco negamos, que haja uma relação dialética entre a teologia e a eclesiologia no que diz respeito as influências e determinações. Nossa abordagem se faz numa escolha por dar ênfase à incidência da teologia sobre a eclesiologia, isso fazemos por opção metodológica.

¹⁴ Nossa escolha não esgota as vias de observação da pluralidade presente na teologia cristã primitiva, e mais especificamente naquela representada por Paulo. No que diz respeito a uma abordagem eclesiológica de corte lexicográfica ver **A Igreja do Novo Testamento**, de Gerhard Kittel, da editora ASTE, nas páginas 15-63. Para uma leitura da diversidade teológica nos evangelhos ver **Cristologia do Novo Testamento**, de Oscar Cullman, da Editora Custon. Para um estudo sistemático do tema, ver **A Igreja no Novo Testamento**, de Jürgen Roloff, da editora Sinodal. Especificamente sobre a abordagem eclesiológica vale a pena citar os trabalhos de Antônio José de Almeida: **Sois um em Cristo Jesus**, e, **Leigos em que? Uma abordagem histórica**, ambos da Editora Paulinas. Peculiar é a abordagem que faz Edward Schillebeeckx em **Por uma Igreja mais humana**, da editora Paulus, onde num exercício semântico-teológico, mostra a diversidade teológico-eclesiológica da Igreja pré-paulina e paulina (p. 60-165).

de vista teológico, estavam sendo discutidas hermenêuticas de acesso tanto à cristologia, quanto à soteriologia. Para o grupo de Tiago, como Paulo identifica¹⁵, era necessário que os cristãos de Antioquia correspondessem à moldura teológica do cristianismo de Jerusalém: “Alguns indivíduos desceram então da Judéia com o intento de doutrinar os irmãos, dizendo: ‘se não vos fizerdes circuncidar segundo a norma de Moisés, não podeis ser salvos¹⁶’. E ainda: “Alguns fiéis oriundos do farisaísmo intervieram para sustentar que era necessário circuncidar os pagãos e prescrever-lhes que observassem a lei de Moisés¹⁷”.

Na compreensão de Paulo não era necessário aos gentios se tornarem judeus nas práticas teológicas, para só então poderem ser reconhecidos como cristãos. Como relata Paulo: “Mas quando vi que eles não andavam direito segundo a verdade do Evangelho, disse a Cefas diante de todos: se tu, que és judeu, vives à maneira dos pagãos e não à judaica, como podes obrigar os pagãos a se comportarem como os judeus?¹⁸” Em Atos 15,7-12, é Pedro quem fala pelos gentios, diferentemente da narrativa de Paulo em Gálatas 2,14. Aqui também é possível perceber a diversidade das narrativas teológicas, dependendo da tradição teológica de cada texto.

As questões teológicas de fundo são claras: como é possível acessar a memória de Cristo (cristologia) e como essa memória acessada gera seus efeitos (soteriologia). Veladamente o texto diz da gravidade da tensão gerada por esses conflitos: “Como a discussão se tivesse acalorado Pedro interveio para declarar¹⁹”. E ainda: “Quando Cefas veio a Antioquia, eu me opus a ele abertamente, pois assumira uma atitude errada²⁰”.

Essa clara pluralidade teológica tem um desfecho igualmente aberto ao plural. Segundo a narrativa de Atos: “O Espírito Santo e nós

¹⁵ Gl 2,12.

¹⁶ At 15,1.

¹⁷ At 15,5.

¹⁸ Gl 2,14.

¹⁹ At 15, 7.

²⁰ Gl 2,11.

mesmos decidimos vos impor nenhuma outra obrigação a não ser estas exigências inevitáveis: abster-vos das carnes de sacrifícios pagãos, do sangue, dos animais asfixiados e da imoralidade²¹“. Já a narrativa paulina afirma o seguinte: “Apenas teríamos de nos lembrar dos pobres, o que eu tive muito cuidado de fazer²²“. Mesmo após tensa discussão, a conclusão daquela assembléia é tomada diferentemente por Paulo e pelos judaizantes, pelo menos é o que parece sugerir as duas narrativas²³. No sentido de reforçar a idéia da pluralidade teológica, vala a pena perceber que o pequeno “credo” produzido por aquela assembléia, não contém nenhuma sessão de anátemas, coisa que no futuro seria bastante comum.

O mais importante, porém, parece ser a pluralidade das formas eclesiológicas decorrentes da assembléia de Jerusalém:

Mas, no que concerne às personalidades – o que eles eram pouco me importa: Deus não olha para a situação dos homens –, esses personagens nada mais me impuseram. Ao contrário, eles viram que a evangelização dos incircuncisos me fora confiada, como a Pedro a dos circuncisos – pois aquele que atuara em Pedro para o apostolado dos circuncisos também atuou em mim em favor dos pagãos –, e, reconhecendo a graça que me foi dada, Tiago, Cefas e João, considerados como colunas, deram-nos a mão, a mim e a Barnabé,

²¹ At 15,28-29.

²² Gl 2,10.

²³ Schillebeeckx faz a seguinte observação acerca da assembléia de Jerusalém: “A *ekklesia* de Jerusalém ou assembléia deliberativa chegou a uma solução que satisfizesse todos os partidos: os convertidos do paganismo não precisam ser circuncidados. No entanto, existe uma diferença entre o relato que Paulo fez a respeito deste fato e dos Atos. Segundo Lucas, um solene decreto ou edito, foi promulgado sob a autoridade dos *presbyteroi* junto a toda a *ekklesia* (At 15,22), procedimento comum e vigente nas associações livres da época. Paulo, porém, não vê isso como nenhuma espécie de decreto ou edito, mas como acordo entre duas partes iguais, com pessoas mais respeitadas (Pedro, Tiago e João em Jerusalém) de um lado, e Barnabé e Paulo do outro. O acordo, diz ele, é selado com um aperto de mão como sinal de pleno entendimento (Gl 2,9). Paulo e Lucas evidentemente tinham idéias diferentes sobre as estruturas da Igreja!” (**Por uma Igreja mais humana**, p. 71).

em sinal de comunhão, a fim de que fôssemos, nós aos pagãos, eles, aos circuncisos²⁴.

Ficam garantidos, pois, a pluralidade eclesiológica (nós aos pagãos, eles aos circuncisos), sem que fosse necessário sacrificar a comunhão (deram-nos as mãos em sinal de comunhão).

O segundo tema da teologia paulina que queremos trabalhar, no sentido de evidenciar a pluralidade teológica e sua decorrente pluralidade eclesiológica, é a diversa lista de dons espirituais presentes ao longo de algumas cartas de Paulo:

1 Cor 12.28-30	1 Cor 12.8-10	Rm 12. 6-8	Ef 4. 4-11²⁵
apóstolos profetas doutores (catequistas) operadores de milagres curandeiros benfeitores guias glossolalia interpretação das línguas	sabedoria gnose fé dons de cura milagres profecia discernimento dos espíritos glossolalia e interpretação	profecia diaconia doutores admoestadores benfeitores misericórdia (auxílio pecuniário?)	(ano 90) apóstolos profetas evangelistas pastores doutores

Numa observação atenta é possível perceber alguns detalhes importantes: 1) as listas são diferentes e contém dons distintos; 2) existem

²⁴ Gl 2,5-9.

²⁵ Esta lista encontra-se sistematizada em E. Schillebeeckx. **Por uma Igreja mais humana**, p. 83.

dons presentes em uma lista que não aparecem nas demais, enquanto outros são comuns a todas; 3) as listas representam Igrejas diferentes (com exceção das duas primeiras); 4) não há uma hierarquia modelar presente em todas as listas; 5) a última lista contém um menor número de dons, ao mesmo tempo em que ocorre uma concentração nos dons de governo (intra-eclesiais).²⁶

1) A diferença presente nas listas de dons já sugere que estamos diante de uma pluralidade teológica, e sua decorrente pluralidade eclesiológica²⁷. É possível perceber que as listas de dons surgem de cada igreja, no sentido de responder as demandas de cada uma delas. A dinâmica teológica se dá num procedimento indutivo, onde o local é o locus teológico²⁸.

2) A presença distinta de dons numa e outra lista, sugere a experiência teológica plural que as igrejas cristãs primitivas vivenciavam. Essa pluralidade de experiências/serviços indica também o quão inapreensível é o mistério cristão, que exatamente por isso funda a pluralidade de recepções. Segundo o horizonte existencial de cada comunidade, esta e aquela experiência são possíveis, sem que isso tire a legitimidade de todas elas.

3) O segundo ponto fica ainda mais claro em face do terceiro: a pluralidade presente nas listas se deve à pluralidade das próprias igrejas.

4) A disposição dos dons, como aparece nos textos bíblicos, não permite um ordenamento hierárquico modelar, que garanta maior im-

²⁶ Nas listas de dons está uma que é retirada da carta aos Efésios, onde a autoria paulina não é certa, sendo mesmo considerada por vários autores como definitivamente não paulina. Permanecemos com ela na lista, a fim de fazer uma transição entre os escritos paulinos e as cartas pastorais.

²⁷ É preciso considerar que aqui parece bem mais claro que é a pluralidade eclesiológica quem funda a respectiva pluralidade teológica, diferentemente da tese por nós proposta. Porém fica mantida ainda, a relação dialética entre teologia e eclesiologia, valendo, portanto, a intuição da tese, que afirma uma continuidade entre a pluralidade, bem como entre a univocidade.

²⁸ Essa dinâmica indutiva está em franca divergência com a abordagem corrente, que em perspectiva dedutiva, elege o universal como *locus* teológico, transportando modelos fixos a todas e quaisquer realidades locais.

portância a um dom, em detrimento dos demais. É mais uma vez afirmada a relação direta entre teologia e forma eclesiológica, mais uma vez é possível dizer que o princípio da diversidade tem lugar proeminente na teologia neotestamentária, aqui representada pela teologia paulina.

5) A lista de dons extraída da carta à igreja de Éfeso se destaca das demais. É a menor lista, e a que mais concentra os dons na dinâmica intra-ecclesial. O fato de ser a menor lista sugere uma participação mais limitada por parte dos cristãos nos serviços eclesiais. Um menor número de dons exclui uma maior participação. Esse primeiro movimento já é parte do segundo: a concentração dos dons na dinâmica intra-ecclesial, está contida na diminuição dos dons. Importante é, portanto, salientar que os dons inexistentes na lista de Efésios, são exatamente aqueles ligados à fé ordinária do povo.

Sendo a carta aos Efésios um texto posterior aos escritos paulinos, já podemos sugerir o início de um processo hierarquizador, que tem como matriz uma teologia de corte unívoco que já ia surgindo pelo final no primeiro século da era cristã.

3. Teologia e eclesiologia em perspectiva unívoca: os primeiros passos de uma tendência teológico-ecclesiológica

As cartas pastorais (1 e 2 Timóteo e Tito), segundo boa parte das pesquisas neotestamentárias, pós-paulinas, correspondem à teologia cristã dos finais do século I. Elas revelam uma perspectiva teológica, bem como sua decorrente eclesiologia, bastante diferente daquela presente na teologia paulina. A dinâmica de uma teologia plural instauradora de uma eclesiologia plural, é substituída por outra, onde a univocidade da sã doutrina gera uma crescente e centralizadora tendência à hierarquização.

Essa articulação entre sã doutrina (perspectiva teológica) e hierarquia (forma eclesiológica) deixou suas marcas na literatura neotestamentária tardia, abrindo espaço para o longo caminho que a teologia percorreria nos séculos seguintes.

As marcas advindas da relação sã doutrina/hierarquia são pelo menos três: 1) crescente exclusão da diversidade teológica; 2) substituição da eclesiologia igualitária por uma insipiente hierarcologia; 3) crescente marginalização das mulheres.

1) A primeira preocupação presente nas cartas pastorais é a “defesa da sã doutrina contra os abusos e eventuais heresias que podiam estar surgindo. Timóteo deve aplicar-se ‘à leitura, à exortação e à instrução²⁹’. “Enquanto esperas a minha chegada, aplica-te à leitura das Escrituras, à exortação, ao ensino³⁰”. Segundo 2 Tm 4,2, o dever do líder é proclamar em tempo e fora de tempo, refutar, ameaçar, exortar com a doutrina. Nisto consiste o serviço (diaconia) dele. “Proclama a Palavra, insiste a tempo e a contratempo, repreende, ameaça, exorta...³¹”.

Como afirma Sandro Gallazzi: “Ensinamento. Instrução, doutrina, exortação: são palavras cada vez mais comuns nestas epístolas. Trata-se do depósito (1 Tm 6,20; 2 Tm 1,12-14) que deve ser guardado e conservado com fidelidade e transmitido intacto³²”.

A igreja vai deixando de ser um lugar das experiências de liberdade promovidas pelo Espírito, para se tornar a instituição destinada a guardar a sã doutrina, o depósito de fé. “Ó Timóteo, guarda o depósito, fuge dos falatórios ímpios e das objeções de uma pseudociência³³”.

2) Na compreensão de Sandro Gallazzi, acerca da hierarquização da igreja primitiva, com a qual concordamos:

A organização administrativa é claramente hierárquica e não mais igualitária: bispos, diáconos e presbíteros são tarefas constituídas dentro da comunidade e sua função principal é de “governo” (1 Tm 3,5-12), mesmo que não nos seja clara a forma do exercício do mesmo e as relações entre as diversas funções³⁴.

²⁹ GALLAZI, Sandro. “Da autoridade para a hierarquia”: in **RIBLA** 42/43, p. 12.

³⁰ 1 Tm 4,13.

³¹ 2 Tm 4,2.

³² GALLAZZI, Sandro. “Da autoridade para a hierarquia”, p. 12.

³³ 1 Tm 6,20.

³⁴ GALLAZZI, Sandro. “Da autoridade para a hierarquia”, p. 12.

A prática eclesiológica igualitária, fundada na teologia paulina (e pré-paulina), é suplantada por uma incipiente, mas crescente hierarquização, que busca sua razão de ser na “conservação intacta” da sã doutrina. Para que uma conservação desse porte fosse possível, parece que foi necessário diminuir e centralizar os dons, destinando-os a certos “homens de bem”, “chefes de família”, presentes na igreja. Como observa Edward Schillebeeckx:

Mesmo que o povo continuasse a se reunir em comunidades domésticas, as frases agora usadas são a “casa de Deus” (1 Tm 2,20), cujo presbítero/*episkopos* é o *paterfamilias* e o guia ao mesmo tempo de todo o presbitério. Ele é descrito como o bom chefe da família esposo, “marido de uma mulher” segundo o modelo do *oikos* greco-romano (1 Tm 3,2; Tt 1,7ss). Aqui são adotadas as estruturas estritamente hierárquicas do *oikos* do tempo, contrariamente às situações anteriores em que as comunidades domésticas eram uma livre associação de iguais, ainda que com muitos tipos de autoridade baseadas numa contribuição inspirada pelo Espírito. Agora os cristãos devem submeter-se a uma autoridade única³⁵.

A relação entre o modelo teológico e o eclesiológico é evidente. O bispo, que é o ecônomo da casa de Deus (“Pois é preciso que o episcopo seja irrepreensível na sua função de ecônomo de Deus³⁶”), precisa manter uma conduta irrepreensível a fim de poder combater os falsos mestres e as doutrinas demoníacas (1 Tm 6,20; 1 Tm 4,1).

3) A terceira marca deixada pela articulação sã doutrina/hierarquia é a mais radical naquele momento onde as duas marcas anteriores podem ser ditas ainda insipientes. Mais uma vez, o modelo teológico provoca certa forma eclesiológica, desta vez excludente e perversa.

Porque foi primeiro formado Adão, depois Eva. E não foi Adão quem foi seduzido, mas a mulher, seduzida, caiu em transgres-

³⁵ SCHILLEBEECKX, E. **Por uma Igreja mais humana**, p. 91. (grifo nosso)

³⁶ Tt 1,7.

são. Entretanto será salva pela maternidade, desde que, com modestia, permaneça na fé, no amor e na santidade³⁷.

Essa perspectiva teológica não permite a participação das mulheres na dinâmica eclesial, que fica sob a liderança do “chefe de família”, advindo do modelo social greco-romano. “Durante a instrução a mulher conserve o silêncio, com toda a subordinação. Eu não permito que a mulher ensine ou domine o homem. Que ela conserve pois o silêncio³⁸”.

Como percebemos a teologia e a igreja no final do século I é bastante diferente da teologia e da eclesiologia paulinas. A vivência igualitária da fé, decorrente da vivência teológica em perspectiva plural, agora é substituída por uma crescente hierarquização das estruturas eclesiásticas, apoiada em uma prática teológica onde o principal está na conservação de determinado depósito da fé: a sã doutrina.

Esse quadro presente nas narrativas tardias do Novo Testamento vai ser ainda mais colorido por cores fortes da aquarela teológico-eclesial univocizante e hierarquizadora. Buscaremos traçar esse percurso em dois momentos: no capítulo dois, nos deteremos sobre o caminho que a teologia percorreu, de uma abertura à pluralidade representada pela metáfora à consagração de uma discursividade unívoca representada pela metafísica. Logo após, no capítulo três, buscaremos mostrar como essa perspectiva teológica de tendência unívoca incidiu sobre a eclesiologia, gerando dessa forma uma hierarcologia rígida e excludente.

³⁷ 1 Tm 2,13-15.

³⁸ 1 Tm 2,11-12.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Antônio José de. **Sois um em Cristo Jesus**. São Paulo: Paulinas, 2007.
- ALMEIDA, Antônio José de. **Leigos em que? Uma abordagem histórica**. São Paulo: Paulinas, 2006.
- CERFAUX, Lucien. **Cristo na teologia de Paulo**. São Paulo: Paulus, São Paulo: Teológica, 2003.
- CERFAUX, Lucien. **O cristianismo na teologia de Paulo**. São Paulo: Teológica, 2003.
- CULLMAN, Oscar. **Cristologia do Novo Testamento**. São Paulo: Editora Custon, 2001.
- ROLOFF, Jürgen. **A Igreja no Novo Testamento**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2006.
- KITTEL, Gerhard. **A Igreja do Novo Testamento**. São Paulo: Editora ASTE, 1965.
- KÜNG, Hans. **Teologia a caminho: fundamentação para o diálogo ecumênico**. São Paulo: Paulinas, 1999.
- SCHILLEBEECKX, Edward. **Por uma Igreja mais humana**. São Paulo: Paulinas, 1989.
- GALLAZI, Sandro. “Da autoridade para a hierarquia”. In **RIBLA** 42/43.
- TEPEDINO, Ana Maria. “Autonomia e comunhão: a participação dos/as leigos/as na Igreja”. In: **Atualidade Teológica** 17.